Ano 18.º Sabado, 14 de Novembro de 1925 N.º 902

O DEMOCRATA

DIRETOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. de Eça de Queiroz n.º 3—AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Mortos, a pé!

Terras da Flandres, terras de Naulila, terras do Rovuna que guardais os corpos inanimados dos herois humildes da minha terra; que bebestes o sangue ainda quente dos soldados de Portugal; que fosteis testemunha do valor guerreiro desta raça do ocidente da Europa; que presenciasteis, enfim, e mais uma vez, quanto vale a bravura e a modestia deste povo; gritai com voz forte aos nossos irmãos de alem tumulo:

Mortos, a pé!

A pé, sim, corpos inanimados; a pé, sim, espectros que sois ao mesmo tempo, amor, heroismo, abnegação, carinho; a pé para que a loucura, a malvadez sinistra, a desfaçatez sem limites, recolha as garras e se confunda deante do brilho extraordinario do teu heroismo em contraste com o negrume da corrupção daqueles que á sombra dos teus feitos mil vezes gloriosos, estão cavando a ruina da Patria, que Vós—ó loucos herois da minha terra!—tão alto elevasteis com o vosso sacrificio.

Mortos, a pé!

Que os vossos tagantes possam ser ainda e mais uma vez levantados contra a tirania de uma miseria moral que vai corrompendo cada vez mais este corpo sacratissimo da nossa Patria, que vós santificasteis com o vosso sangue generoso e bom.

Egas Moniz, Afonso de Albuquerque, Nuno Alvares Pereira—ó capitães, valorosos da Lealdade, da Honestidade e do Patriotismo!—a pé, que a Patria precisa de vos ver á frente das batalhas dos serranos sepultados em La Lys, em Naulila e no Rovuma.

Bradai por «Portugal e por S. Jorge» ou bradai o *Herois do mar nobre povo* porque é forçoso, é preciso que esta nação, que foi de valentes, continue a ser *valente e imortal*.

Pouco importa o grito guerreiro de que vos possais servir; no fim a traducção patriotica é a mesma.

Aljubarrota, Diu, La Conture, que importa o nome?

Importa o feito que ontem, como hoje, não foi jámais desmentido pela firmeza do teu patriotismo, pela inteireza do teu caracter.

As paginas d'oiro da vossa historia não foram escritas com a lama putrida da corrupção e da veniaga, mas riscadas com a ponta das vossas espadas e marcadas com o vermelho rubro do vosso sangue.

Para quê, afinal?

Para que meia duzia de salafrarios, que nem sequer podem avaliar do sacrificio ingente do vosso sangue, andem tripudiando, amesquinhando, corrompendo a imaculada pureza do vosso valor, do vosso sacrificio, da grandeza da vossa dedicação.

Mortos, de pé! Ao lado do altar sacrosanto da Patria, em guarda de honra, gladios reluzentes ao sol da gloria, rostos bem erguidos pelo orgulho dos vossos feitos. Fazei com que todos ajoelhemos, com a unção mistica do crente ao erguer a Deus, batendo com a mão no peito, cabeça baixa e humilde, e murmurando uma prece de arrependimento, façamos uma promessa de emenda.

E tu, representante anonimo do humilde soldado, que habitas no Altar Sublime da Batalha, grita de lá aos vivos:

Ajoelhar!

e aos teus irmãos d'alem tumulo

Mortos, a pé!

As eleições em Aveiro

Só á ultima hora o acto eleitoral despertou algum interesse na cidade por ter aparecido em campo o sr. Conde d'Agueda de braço dado com republicanos recomendados pelo Directorio democratico a defender a sua candidatura.

O estado a que tudo isto chegou! E que descaramento!

Mas... adeante. O nojo invadiu-nos de tal maneira que do que se passou em Aveiro só por dever o vamos relatar com o fim de fixarmos numeros e nada mais.

Principiaremos pela assembleia da Gloria. Aqui o recenseamento acusa 752 votantes. Entraram na urna 409 listas para senadores e 416 para deputados.

Na Vera-Cruz o numero de eleitores é de pouco mais: 860. Contaram-se 461 listas para senadores e 472 para deputados.

Nas outras assembleias do concelho: Povoa do Valado, Oliveirinha e Esgueira as votações regularam.

Quem sairá eleito pelo circulo? De certeza só ámanhã se poderá saber depois de concluidos os trabalhos da assembleia de apuramento. Por isso nos abstemos de fazer vaticinios, aguardando que os numeros falem, e os salvadores da Patria sejam proclamados, como é costume.

Umas horas mais e ver-se-ha a composição da nova câmara prestes a surgir da maior confusão politica que se conhece.

O armisticio

A agencia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra nesta cidade festejou no dia 11 o setimos aniversario do armisticio, organisando um programa digno da comemoração daquela data.

Assim, na igreja do Carmo teve logar uma missa acompanhada a vozes e musica a que assistiram numerosos convidados. A's 21 horas houve no quartel de Cavalaria 8 conferencia pelo capitão-medico sr. Barata da Rocha, tocando depois, até á meia noite, alternadamente, tres bandas de musica, com geral agrado.

A proposito: quando pensa a comissão do monumento aos mortos da guerra dar começo aos trabalhos indispensaveis para saldar essa divida em aberto?

Guarda Republicana

Sabe-se já do resultado da sindicancia a que deram logar umas acusações vindas á publicidade no *orgão da semana* por instigação do *cabo Bico*, não nos sobrando hoje tempo para mais de espaço nos referirmos ao assunto.

No proximo numero falaremos.

Descanço nos correios

E' de ámanhã em deante que começa a vigorar o novo horario do serviço dos correios, ao domingo e dias feriados, devendo o publico inteirar-se do que, por decreto, fôra estabelecido afim de não ser prejudicado no futuro.

Instantaneo

Tirado na Praça da Republica entre as 10 e as 11... da noite de S. Martinho...

O Parlamento

E' mais que certo que o futuro parlamento vai ser peor do que o anterior visto as eleições não terem modificado em nada a sua estrutura quanto ás pessoas que o devem compor. Salvo rarissimas excepções, o que está eleito é tudo uma frandolangem, uma sucata, o peor que existe em convicções republicanas, em dedicação ao regimen, em desinteresse pessoal.

A maioria continua a ser democratica e essa circunstancia vai dar logar a que dentro em pouco recomecem as desordens, as revoluções, a agitação, enfim, contra o mal estar em que vivemos e que a nosso ver só cessará quando aparecer uma vassoura que leve adiante de si toda a porcaria que nos envolve.

Quem déra que esse dia fosse já ámanhã...

Eleições camararias

Avisinha-se o dia em que terão de realisar-se as eleições administrativas. De novo vai, portanto, a actual vereação, cuja obra por si só basta para recomendala a quantos, amantes do progresso da sua terra, tenham olhos para ver, e, desapaixonadamente, a ela façam justiça, salvo pequenas alterações, apresentar-se ao sufragio dos eleitores do concelho.

O dr. Lourenço Peixinho, sem duvida com o apoio dos seus colegas, tem, incontestavelmente, efectuado uma série de importantes melhoramentos publicos, aos quais ninguem, com verdade, pode negar aplauso.

A sua obra, que implica um larguissimo programa, não pode com a rapidez com que todos nós desejamos, ser realisada, porque a ela se opõe inumeras dificuldades coma seja, em especial, a questão financeira. Todavia, outro homem que não fosse esse grande aveirense em quem abundam não só elevados sentimentos bairristas, mas ainda uma decidida energia, teria desfalecido perante a emergencia de embaraços e dificuldades sucessivas, que nem assim o afastam do seu objectivo nem paralisam a sua reconhecida actividade.

O que aqui dizemos não são méras e graciosas palavras de encomio, porque não está isso na lógica dos nossos sentimentos nem no caracter deste jornal. Traduzem elas sómente a expressão nitida da verdade, que cala a dentro do peito dos bons filhos de Aveiro que acima de tudo ponham os interesses, os melhoramentos e o progresso da sua terra.

Não compreendemos mesmo que só a titulo de politiquice, porque outro motivo não ha, se pretenda afastar do municipio quem por todas as razões, incluindo até aquela que a gratidão impõe, ali deve ficar, com o voto e o aplauso de quantos compreendam a dedicação e a voluntariedade do dr. Lourenço Peixinho em bem servir o concelho, tendo como recompensa apenas a consolação que fica do dever cumprido.

Homem da época, conhecedor do que se faz e passa lá fora, entendeu, e muito bem, que podia meter ombros á efectivação de melhoramentos que há muito se impunham e que só necessitavam de alguem que se resolvesse a realisa-los.

Ao seu espirito de homem activo, impoz ele proprio essa obrigação, esse dever, e para que não o alcunhem de egoista e de indiferente, apresentou-se aos seus concidadãos que, verdade seja, num gesto de grande aplauso, o elegeram, ratificando depois a sua confiança para o ultimo trienio.

Pois necessario se torna, mais uma vez, a prova dessa confiança, mantendo á frente do municipio quem, por todos os motivos, lá deve continuar por mais alguns anos com honra para Aveiro.

Surriada! Surriada!

Todo fanfarrão, Homem Cristo, o *Capirote*, veio dizer no *orgão da semana*, entre outras coisas em que o seu bestunto costuma ser fertil, isto:

> O primeiro parlamento da republica foi uma *vergonha nacional.* Pois essa vergonha tem vindo a crescer desde então até agora. Vergonha sobre vergonha, em que refina de dia para dia o cinismo afrontoso dos infames correccionaes. Mas, sem nenhuma vontade de ir á camara, convencido de que o país não sofrerá o vexame de mais uma eleição vergonhosa, **apresento a minha candidatura como protesto contra essa vergonha** se ela, contra todas as probabilidades, vier a realisar-se.

As eleições fizeram-se; mas a candidatura do *Capirote* como protesto *contra essa vergonha*—estás a vêr—não apareceu.

Porque seria? Sim, porque seria que o *Capirote* com toda a sua importancia, com todo o seu valor eleitoral, com todo o seu prestigio jornalistico, não apareceu, conforme a promessa solenemente feita, a protestar contra essa vergonha?

Bem disse um dia o Barbosa de Magalhães que o refinadissimo pulhastra so por bamburrio havia saido deputado visto não dispor em Aveiro de meia duzia de votos.

E olha: o que se vê escusa candeia...

Tanta coisa, tanta farofia, tanta prosapia para, afinal, se estatelar como o mais infimo, o mais despresivel dos seres humanos.

Surriada! Surriada!

O Democrata *vende-se na Livraria Universal — Rua Direita—Aveiro.*

O S. Martinho

Os devotos de Baccho, como de costume, acorreram esta semana aos templos onde foi ruidosamente festejado o S. Martinho, tendo-se distinguido pela carregação dos machos a *troupe* de que faz parte o *Bébes* e o *cabo Bico*.

Era de prever.

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra........	95$00
Franco........	$84
Dollar........	19$50

Notas Mundanas

Fizeram anos: no dia 11 os srs. Sisnando Maia, Eugenio Guimarães e a interessante Maria Ermelinda, filha do sr. F. Picado; no dia 13 os srs. Domingos do Patrocinio e Francisco Maria de Carvalho Branco e hoje fa-los a sr.ª D. Cecilia Cruz da Fonseca e Silva.

— Vimos nesta cidade o sr. Antonio da Maia, actualmente residente em Lisboa.

— Está de cama o acreditado negociante Manuel Maria Moreira.

— Tambem se encontra adoentada a sr.ª D. Ana Teixeira da Costa.

— Regressou da Curia a esposa do sr. dr. José Soares.

— Para Kinshassa, Congo Belga, retirou o sr. Agostinho da Costa, que esteve a tratar da sua saude em Logares da Beira.

Feliz viagem.

As promessas do "cabo Bico,,

Acabamos de receber um postal onde se lê:

...Sr. Redactor

Não são só 500 escudos oferecidos pelo comissario de policia a quem lhe diga o nome da pessoa que queima os foguetes, mas tambem a promoção a cabo ao guarda que prenda, em flagrante, o atirador dos ditos.

Mas isto pode ser?

Então ainda que tal sucedesse é caso que admita, como premio, uma promoção?

Esse facto não representaria o simples cumprimento do mais vulgar dever, como seja a detenção de quem infringe um regulamento qualquer?

O comissario tambem diz que se alguem fôr preso nessas condições irá para a Africa como bombista!

Olha o balão... ó patego!

Ele sempre aparece cada um...

Um constante leitor

Não é novidade o que nos diz o *constante leitor*, pois já eram do nosso conhecimento essas parvoices postas na boca dessa creatura que para aí se arrasta á frente da policia, oferecendo-lhe todos os dias o exemplo da consideração que nesta cidade disfruta: a companhia, a mistura constante com individuos da mais baixa condição social, energumenos doutorados em todas as escolas da abjecção e do vicio.

A triste cegueira, que foi sempre aquela dos que propositadamente não querem ver, impede que esse homem não reconheça o vacuo que a sociedade em volta dele creou, abandonando-o, afastando-se, sem excepção, visto que até o proprio dono não esconde o seu enfado, a contrariedade que lhe causam as publicas manifestações de lisonja e reles subserviencia.

Mas ele sente-se bem. E quer atinja, compreenda, veja a triste situação em que se encontra, ou não atinja, é-lhe indiferente.

Dotou-o a naturesa com umas ventas de patrulha pouco vulgares. Alem disso, a troco de meia duzia de copos de vinho tem ao seu dispor uns papeis para nos cobrirem de insultos e de calunias, com o que muito se apraz. Isso lhe basta.

No entretanto o publico, o incorruptivel julgador, vai apreciando, ao mesmo tempo que os subordinados de tão grutesca autoridade não ocultam exteriorisar a sua revolta contra o chefe que tão mal serve o logar onde se alcandorou.

Sómente o sr. Governador Civil nada vê, nada sabe, nada faz.

Tambem se foi só para presidir ás eleições que sua ex.ª para aqui veio, está prestes a findar a sua missão—a mais vulgar e banal deste mundo.

Os aveirenses no Brazil

dão um nobre exemplo de amor á sua terra, protestando contra a alteração das armas da cidade

Dimanado do Rio de Janeiro foi recentemente recebido pela nossa edilidade o seguinte oficio:

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1925.

Ao Ex.mo Sr. Presidente da Camara Municipal de Aveiro

Ex.mo Snr.

Patriotas acima de tudo e aveirenses que nos presamos de ser, não podiamos de forma alguma ficar silenciosos, como não ficamos, ante o atentado contra as armas da nossa querida cidade, levado a efeito pelo Centro Duriense, centro este componente da *Casa Portugal*.

Tendo este centro resolvido aprovar para o seu pavilhão o projecto apresentado pelo sr. Placido Alves Vieira, cujo projecto (que juntamos pelo jornal *Patria Portuguesa*, n.º 10, ultima pagina) conjuga as armas dos distritos do Porto, Aveiro e Coimbra, lamentavelmente desconhecedores das armas da nossa cidade, reconheceram como tal *um pato dentro de agua*, armas estas desconhecidas de todos nós aveirenses.

Em justo protesto pela imprensa portuguesa desta capital, teve o nosso conterraneo Horacio A. Carvalho, em artigos que intitula *O Meu Domingo* (na *Patria portuguesa* e em o n.º 23, a paginas 9, e em o n.º 26 a paginas 6), ocasião de se manifestar sobre o assunto, merecendo-nos apoio incondicional.

Desejo noso seria que tais protestos merecessem da Directoria do Centro Duriense a devida consideração, mas, modestos como somos, grãos de areia jogados ao acaso, prégamos no deserto e o atentado ás nossas armas continua de pé no pavilhão do Centro Duriense, sendo uma afronta irrisoria aos aveirenses aqui residentes.

Juntando a esta dois exemplares do jornal *Patria Portuguesa*, com os protestos acima mencionados, vimos a Vós, sr Prdsidente, fazer-vos sciente de tal afronta, que consideramos questão de honra, desejando que V. Ex.ª disto scientifique aquela Directoria, impondo, para orgulho nosso, as verdadeiras armas da cidade de Aveiro.

Na iminencia em que está de a *Casa de Portugal* ser reconhecida oficialmente pelo Governo da Republica Portuguesa, de justiça será que nós, aveirenses, não nos deixemos tornar desconhecidos, consentindo que se viciem as armas da nossa cidade, tornando desconhecidas as aveirenses.

Oferecendo a V. Ex.ª o endereço dos centros regionais componentes da *Casa de Portugal*—Rua Senador Euzebio, n.º 72, na cidade do Rio de Janeiro, E. U. do Brazil—levantamos um viva a Aveiro e a Portugal, confiantes nos seus bons esforços em prol dos nossos interesses regionais e na propaganda da nossa terra.

Pela Patria e pela Terra!

Os aveirenses

(aa) José Casimiro Graça
Horacio A. Carvalho
Manuel Gamelas
Aristides Ferreira Jorge
Adelino Tavares
João M. Vieira
Manuel Rodrigues da Paula Graça
Dimas Vilar
Antonio Ferreira de Sá
Luiz A. dos Santos
Armando Gomes
Manuel Augusto da Silva
José Maravilhas
João Maria da Naia Graça

Resposta da Câmara:

Aveiro, 22 de Outubro de 1925

Ilustres Aveirenses consocios da *Casa de Portugal*

Tendo sido pelo senhor Presidente comunicado o oficio enviado do Brazil por V. Exas., a Comissão Executiva desta Camara resolveu que na acta se exarasse um voto de louvor e saudação aos aveirenses que em terras do Brazil assim defendem as tradições da sua terra natal e dão mostras de tanto carinho pelos simbolos representativos da municipalidade aveirense.

A Câmara de Aveiro faz votos por que todos os aveirenses, em qualquer parte do mundo em que se encontrem, dêem iguais exemplos de dedicação e amôr á sua terra, honrando o belo e glorioso brazão de armas que a simbolisa.

Cumprimento V. Exs., desejando-lhes

Saude e Fraternidade

O Presidente da Comissão Executiva,
Lourenço Simões Peixinho

Referente ao mesmo assunto, a corporação administrativa municipal fez expedir tambem um oficio, que vamos reproduzir e por onde os nossos compatriotas verão que a sua causa não tem sido descurada, antes está sendo tratada com todo o interesse e acrisolado patriotismo.

Diz assim:

Da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro ao
Exm.º Senhor Director Geral do Congresso da Republica
Lisboa

Aveiro e Secretaria Municipal, aos 16 de Outubro de 1925

Recebeu esta Câmara Municipal o oficio n.º 526 de V. Ex.ª, concluindo não dever substituir-se o brazão de armas que á cidade de Aveiro foi atribuido na pintura da sala da Câmara dos Deputados, oficio esse que nos mereceu a maior atenção e cuja amabilidade agradecemos.

Não nos convencem, porém, nem julgamos de atender as eruditas rasões nele expostas, embora afirmemos o muito respeito pelo saber do ilustre Director da Tôrre do Tombo, sem duvida alguma a primeira autoridade no assunto.

Mas o facto é que a Câmara e a cidade de Aveiro não adoptam nem adoptaram nunca o brazão de armas a que se refere o ilustre Director do Arquivo Nacional e que consta dum cisne vogando sobre um lago, tal como se acha na Câmara dos Deputados.

E se esta Câmara e esta cidade não adoptam nem nunca adoptaram semelhante brazão, como pode alguem forçar-nos a adoptá-lo?

Nenhum aveirense que entre na sala das sessões da Câmara dos Deputados reconhece esse brazão como seu.

Bem pelo contrario imediatamente lamenta o equivoco e protesta contra a troca.

Se estes são os factos, dando-se ainda a circunstancia de todos os aveirenses, mesmo os mais humildes, terem verdadeiro afecto ao seu brazão de armas, o que não sucede em muitas terras onde os naturais desconhecem o seu brazão, como poderá defender-se e manter-se o que está no Parlamento que todos os aveirenses repudiam?

Por imposição, embora erudita, seria um absurdo, porquanto ficaria perdido todo o seu mérito civico e significado simbólico.

Aveiro nunca deixaria o seu brazão actual por esse ou qualquer outro e nunca trocaria a aguia de todos os velhos estandartes da sua Câmara, dos escudos dos seus Paços do Concelho, dos seus ex-libris, edificios, documentos, ornatos e distintivos, pelo cisne da Tôrre do Tombo.

Nestas condições, persistindo a divergencia, Aveiro consideraria vago o escudo que na Câmara dos Deputados lhe foi destinado, facto que seria um motivo de desgosto local.

Vejâmos, pois, novamente, com serenidade, o problema.

Aveiro adopta, pelo menos, desde que é cidade, um só brazão: o da aguia coroada, de azas e garras abertas, cauda estilisada, pairando sobre um lago de aguas levemente crispadas, tendo a um lado as quinas, a outro a esfera dupla, aos cantos, no alto e em baixo, alternadamente, uma estrela de cinco raios e um crescente.

Na Tôrre do Tombo e em alguns autores, como Vilhena Barbosa, atribui-se-lhe o cisne, vogando. Pinho Leal, como o padre Carvalho da Costa falam nos dois brazões. Pelo facto de na Tôrre do Tombo estar arquivado o brazão do cisne, muitas vezes (Câmara dos Deputados, Congresso Beirão, ex-libris e objectos de arte varios oferecidos á Câmara de Aveiro) se faz representar Aveiro pelo brazão do cisne, contra o que sempre os aveirenses reclamam. Assim acaba de suceder no Brazil onde uma sociedade de beneficencia dos portugueses do Douro e Beiras quiz adoptar no seu emblêma o brazão do cisne e os aveirenses imediatamente reclamaram e protestaram.

Porque de facto Aveiro adopta e sempre adoptou o brazão da aguia e não se encontra na cidade um só monumento, documento ou referencia que permita supôr que alguma vez Aveiro usou o brazão do cisne, absolutamente desconhecido da cidade em todos os tempos.

Vejâmos os documentos e monumentos.

Paços Municipais de Aveiro (1797). Na frente as armas nacionais em evidente estilisação dos fins do seculo XVIII. No lado oriental, frente da Rua Direita, as armas de Aveiro, em pedra, com a aguia.

Estandarte da Câmara, seculo XVX, riquissimo, damasco vermelho, bordado a ouro: de um lado as armas de Aveiro (aguia) do outro o escudo nacional (tempo da monarquia).

Estandarte antigo, anterior ao actual, menos rico, do seculo XVIII, em damasco vermelho com o escudo nacional de um lado e no outro as armas de Aveiro. Encontra-se este estandarte no Museu de Aveiro, onde se pode ver o mesmo escudo de armas no rosto do frontal de veludo carmezim da meza das sessões da Câmara, com a aguia, tal qual se encontra nos estandartes, selos e edificios municipais.

Seria este brazão, porém, posterior ao alvará de 11 de abril de 1759 que elevou a antiga, nobre e notavel Vila de Azeiro á categoria de cidade? Não.

E' decisivo, este respeito, o facto de no livro de registos da Câmara, n.º 1, hoje no arquivo do Museu Regional, do seculo XVI, previsões, alvarás, tastos da Vila, se encontrar no frontespicio da capa, em cobre, o escudo nacional; no capa posterior, o escudo de Aveiro, com a aguia em relêvo, na disposição que hoje se adopta, mas ainda sem esfera, que se supõe ser manuelina.

Assim, por exemplo, se encontra ainda o brazão de armas de Aveiro no selo branco da Câmara e a preto impresso em todos os seus documentos. No Teatro Aveirense, no seu pano de bôca e decoração do této (1869). Na Associação Comercial e Industrial. Nas Piramides, que se encontram á entrada do canal da cidade. Na estação do caminho de ferro. Nos candieiros da iluminação publica. Na fonte dos Arcos (1859). Na fonte da Vera-Cruz. Na placa artistica oferecida pela cidade de Coimbra a Aveiro (salas das sessões—1913). No caixilho do retrato do Conselheiro Castro Matoso (1905). No caixilho do retrato do Conselheiro Manuel Firmino (1897). Na sala das sessões, etc., etc.

Nem um só exemplar do brazão do cisne, enquanto no Museu, na Câmara e na cidade se econtram documentos do seculo XV para cá em que sempre o brazão de armas de Aveiro é um e o mesmo—**a aguia ao centro do escudo, com as azas e garras abertas pairando sobre aguas onduladas.**

Mas a quem pertence a escolha do brazão? A' Câmara local que deve orientar-se pela tradição e pelas regras da heraldica.

Neste caso a heraldica não pode desdizer a tradição: o brazão de armas pode ser modificado em alguns pormenores ornamentais e significativos, como a corôa da aguia que aparece como corôa real e hoje poderia ou deveria ser, talvez, a de cidade, como a esfera que lhe deve ter sido dada por D. Manuel, como hoje o colar da Torre e Espada que se acaba de acrescentar, o que se comunicou á Associação dos Arquiologos.

Mas o motivo essencial, fundamental, esse não pode substituir-se. Seria contraria á heraldica e seria tirar ao brazão o seu valor representativo, historico, documental, etnografico mesmo, visto que ele é, ha muito, um distintivo de todas as colectividades aveirenses, um motivo ornamental adoptado por todos os artistas, em todos os documentos, obras, festas, etc., inseparavel de Aveiro e do seu povo.

Nestas condições, a Câmara Municipal de Aveiro insiste junto da Ex.ma Comissão Administrativa do Congresso da Republica para que seja substituido o brazão de armas atribuido á cidade de Aveiro na sala da Câmara dos Deputados pelo brazão verdadeiro da cidade para o que esta Câmara enviará o modêlo, se V. Ex.ª assim o desejar.

E com muito respeito e consideração pelas doutas opiniões em contrario, desejâmos a V. Ex.ª

Saude e Fraternidade.

O Presidente da Comissão Executiva
Lourenço Simões Peixinho

O Presidente do Senado Municipal,
Alberto Souto

Mais um naufragio

Não foi efectuada, como devia ser, qualquer tentativa para salvamento da tripulação

Vinte mortos?

Apareceu na segunda-feira em frente da nossa barra um vapor de pequena lotação, que se supõe de pesca, pedindo socorro e informando ter avaria na maquina e agua aberta, a inundar os porões.

O vapor ancorou, sabendo-se que era espanhol pela bandeira içada, mas não se podendo conhecer o nome por falta da respectiva lista na estação semaforica. Esta transmitiu para bordo que breve viria um rebocador do Porto que lia ser pedido e que fizessem o possivel por se aguentarem.

Decorreram horas de verdadeira e dolorosa angustia para a tripulação, que se calcula em 20 homens, pelo menos, mas apezar de todo esse tempo de terra não foi feita a mais leve tentativa de salvamento, como seria o lançamento dum cabo, unica provavel naquela conjuntura.

Cerca das 16 horas, depois de decorridas umas quatro ou mais desde a aparição do navio avariado, chegou, vindo de Leixões, o rebocador *Record* que pela aproximação em que já estava o barco, da terra, não poude prestar auxilio algum.

A corrente, nessa altura, arrastava para o sul, a dentro da arrebentação do mar, o vapor avariado que já muito proximo da antiga barra da Vagueira, começou a submergir-se, e, triste é dizê-lo, arrastando consigo todas as vidas que conduzia.

Eram 17 horas.

O rebocador regressou ao Porto e, segundo o *Janeiro*, ali informou que notando a falta duma baleeira a bordo do vapor naufragado, supõe que a tripulação tivesse atingindo o largo.

Desejariamos deveras que assim houvesse sucedido, mas tudo indica, ao contrario dessa suposição, que tal se não deu visto até á data nenhuma embarcação ter acusado a existencia dos naufragos a bordo.

A falta da baleeira indicará, quando muito, que foi feita essa tentativa, desgraçadamente sem resultado.

* *

Este novo desastre maritimo obriga-nos a perguntar se existe ou não um posto de socorros a naufragos, e, se existe, onde tem ele esses socorros, que durante tantas horas não tentou, sequer, emprega-los?

O que se acaba de passar é um crime e contra ele aqui fica expresso o nosso mais veemente protesto.

Em nome dos mais rudimentares

principios de humanidade é absolutamente indispensavel que sejam adotadas todas as providencias de molde a não se repetirem factos identicos ao ocorrido segunda-feira, tristissimo documento da nossa indiferença, da mais cruel falta de piedade.

Necrologia

Com 13 anos apenas, faleceu na terça-feira, a menina Marilia da Purificação, filha do comerciante sr. Francisco Pereira de Melo, a quem acompanhamos no seu luto.

Sport

A Associação de Foot-Ball de Aveiro tomou as segnintes resoluções na sua sessão de direcção de 28 de outubro findo:

Taxas de filiação Os clubs que até 5 de novembro não enviem a sua taxa de filiação e não saldarem os seus débitos não poderão inscrever-se no campeonato.

Inscrição no campeonato—Todos os clubs e em todas as categorias até 10 de novembro, inclusivé.

Taxas de inscrição

Divisão de honra—1.ª categoria, Esc. 50$00, 2.ª, 40$00 e 3.ª, 25$00. Jogadores (socios temporarios), 2$50.

Promoção—1.ª categoria 40$; 2.ª, 25$00. Jogadores (socios temporarios), 2$50.

Campos—Esta direcção chama a atenção dos clubs para o que preceitua o artigo 7.° do Regulamento geral do jogo bem como o § 1.° do art. 51.°.

Se o artigo 4.°, § unico do regulamento do campeonato não forem integralmente cumpridos, a inscrição não poderá ser aceite.

Juizes de campo—Esta direcção pede aos clubs o maior criterio e cuidado ao darem cumprimento ao artigo 14° e seu § unico do Regulamento geral do jogo.

Elaboração do calendario—No proximo dia 15 de novembro, pelas 15 horas, proceder-se-ha ao sorteio para elaboração do calendario, no *Club Mario Duarte*, para o que são convidados a assistir todos os clubs inscritos.

Cartões de identidade—Para a presente época, os cartões de identidade terão uma sobre-carga a vermelho com os seguintes dizerem *1925-26* e terão tambem uma tarja da mesma côr.

Esta direcção pede a devolução de todos os cartões antigos.

Jogos com clubs estranhos—E' da maior conveniencia que os clubs evitem transgredir os artigos 42 e 43 do Regulamento geral do jogo, para evitar procedimento energico desta direcção.

Conselho Tecnico—Foram nomeados os ex.mos srs. capitão Amilcar Mourão Gamelas, Joaquim Moreira e Antonio Ferreira.

Gazetilha

Ele já foi afonsista.
Por êssa eu aqui fico.
Foi depois alvarista.
E agora, esse tal *bico*,
Já é Nacionalista.

Não sei se foi Miguelista.
—Todavia vou apostar,
que sendo, afinal, arranjista,
só p'ra conservar o logar,
se faria Sebastianista.

E' pupilo do *Capirote*;
Tambem já foi Sidonista,
E' um grande beberrote
Esse *bico*, pimpão fadista,
Imbecil, parvo e esparriote

Leonardo

Agradecimento

Rosa Maia de Jesus, Maria Brites e Antonio Nunes de Azevedo, Olivia de Jesus Brites, Maria de Jesus Brites, Felismina de Jesus Brites, Rosa de Jesus Brites, Pedro Nunes de Azevedo, Francisco Nunes de Azevedo, Serafim Nunes de Azevedo, Manuel Nnnes de Azevedo e João Nunes de Azevedo, esposa, pais e irmãos do saudoso José Nunes de Azevedo, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam á ultima morada e partilharam da dôr profunda que a sua inesperada morte causou, essa inequivoca prova de bôa amisade, testemunhando-lhes, como é seu dever, a maior gratidão.

Aveiro, 12 de novembro de 1925.

Correspondencias

Mamodeiro, 11

Ao cabo de cruciante e prolongado sofrimento, deixou ontem de existir, sepultando-se hoje, o nosso velho amigo Manuel Antonio Camelo.

Cidadão prestante, homem de rija tempera, que ao trabalho dedicou toda a sua vida, só baqueando no momento de ser prostrado pela doença, a morte de Manuel Camelo é geralmente sentida porque desaparece alguem com muitos serviços ao povo desta terra pela qual se interessava, chegando em diferentes conjunturas a fazer parte da vereação municipal.

Além disso era o procurador de muitos que lhe confiavam os seus negocios e por vezes questões importantes, que ele tratava com todo o zelo, acompanhando-as e orientando-as como se suas fossem.

Natural de Requeixo para aqui veio após o seu consorcio e aqui se apagou aos 68 anos de edade depois de ter marcado como politico partidario do sr. Conde de Agueda e como homem de acção, prestimoso e bem intencionado.

O seu funeral efectuou-se agora de tarde, encorporando-se no acompanhamento até ao cemiterio de Requeixo uma irmandade da Costa do Valado, a musica de Fermentelos e muitas pessoas das que tinham pelo extinto verdadeira afeição. Levava a chave do ataude, sobre o qual tambem foram depostas algumas corôas com sentidas dedicatorias, o seu intimo amigo, sr. Manuel Atanasio de Carvalho.

A' familia enlutada, especialmente a sua mulher e unica filha e genro, o nosso cartão de condolencias.

C.

Suplemento ao n.º 902

DE

O DEMOCRATA

Director e editor--Arnaldo Ribeiro

Aveiro, 17 de Novembro de 1925

A' urna pela vereação do dr. Lourenço Peixinho!

Da nossa justiça

Se bem que muitos e dos mais valiosos elementos do partido democratico com uma justa compreensão dos interesses da comunidade em um preito de justiça ao homem a quem Aveiro mais deve nos ultimos tempos, porque todas as suas energias e toda a sua decidida vontade as tem posto, com admiravel abnegação e desinteresse, ao serviço da nossa terra, é certo que, por mais doloroso que seja constata-lo ha no seio daquele grupo partidario, vozes discordantes que gritam a disputa da eleição ao sr. dr. Lourenço Peixinho!

Por esta circunstancia grande celeuma tem lavrado dentro desse agrupamento porque uma parte dele—e grande parte, felizmente—com verdadeira e sã orientação, apoia patrioticamente a acção da Camara que vai findar o seu mandato em 31 de dezembro.

E' de notar, porque é certo e impressionante, que sejam exactamente as creaturas que menos direito tem, direito e autoridade, a fazer a sizania, as que se colocam á frente do movimento improfícuo em campanhas, tão inglorias como injustas.

Esse nucleo oposicionista, capitaneado pelo *estrangeiro* das Obras Publicas, é movido, todos o sabem, pela inveja e pelo rancor, e não porque se importe, a sério, com os destinos e progressos do concelho de Aveiro.

Mas as suas objurgatorias e sandices não encontram éco na opinião sensata nem num grande numero dos correligionarios, que é aquela parte que sabe distinguir os assuntos politicos das exigencias patrioticas, não embaralhando a simples administração local, comum de todos, com as ambições da politica partidaria, que neste momento e no caso especial que se trata, não são chamadas á colação.

Os nomes duns e doutros, dos que vêem a hipotese com isenção e com justiça e os daqueles cujo fim não é senão guerrear a famosa obra e o nome duma alta figura de aveirense, como outra não tem aparecido, nas ultimas décadas, sabem-se e são apontados pela opinião.

O nosso povo, inteligente e grato, sabe bem distinguir o trigo do joio e não deixará, na hora propria, de destrinçar responsabilidades e impôr sanções.

Mas quem é que esse grupo aguerrido e dementado pelas paixões tem para apresentar ao sufragio pará substituir a vereação do dr. Lourenço Peixinho?

Quem ha aí que faça mais e melhor?

Certamente no seio desses homens existe algum puro e abnegado, isento de culpa e insusceptivel de errar? Pois, se assim é, apontem esse alguem, apareça esse homem com as suas provas feitas e nós aceita-lo-hemos de braços abertos.

Digam, digam lá, sem rebuço nem reticencias; quem é capaz de arcar com a obra do dr. Lourenço Peixinho. Pronunciem o nome de quem se declara com forças para tanto e *O Democrata*, que sempre pugnou pelo renascimento de Aveiro, não terá duvida em aceitar a indicação e ensarilhar armas.

Enquanto isto não suceder, porêm, aqui estaremos na brecha pelo autor da excelente casa hospitalar, tão elogiada por tecnicos e estranhos, gente insuspeita, que vê as cisas sem favor e com conhecimento de causa e aprecia esse monumento no seu genero, que faz honra á nossa terra.

Enquanto isso não suceder estaremos com o entusiasmo e com o calor de que somos capazes, ao lado do autor dessa outra obra gigante, que é a avenida central, esforço maximo de uma indomavel força de vontade, obra que outros tentaram tantas vezes sem nunca darem solução ao magno problema duma ligação directa e toleravel da estação do caminho de ferro com o coração da cidade.

Que serviço esse que os contemporaneos já admiram e os vindouros hão de bem dizer e apreciar, louvando e admirando tão grande iniciativa!!!

Enquanto os zoilos não inventarem um homem, e os homens criam-se e não se inventam, igual ao dr. Lourenço Peixinho, que é daqueles que raro aparecem no seio dos povos, *O Democrata* não se afastará um ápice da missão que se impoz, de auxiliar e defender o creador do Hospital e o iniciador da Avenida.

Estaremos sempre na brecha, atravez de todos os sacrificios, na defesa de quem construiu o cemiterio novo, de que a cidade tanto necessitava, melhoramento a cuja realisação o dr. Lourenço Peixinho teve de sacrificar amizades valiosas como a duma familia respeitavel que, por preconceitos e melindres, que não discutimos, se opunha tenazmente a que o cemiterio fosse construido no sitio onde está.

Estaremos ao lado de quem retirou o miserando espectaculo das cadeias, insalubres e vergonhosas, da nossa melhor praça para casa e local mais proprio onde a miseria dos encárcerados bastante melhorou e a visão das deficiencias sociais desapareceu um tanto das nossas vistas.

E quantos anos foram precisos para que isto, que é alguma coisa de muito para a civilisação da cidade, tantas vezes projectada, tivesse, enfim, a sus realisação!

Não tinha Aveiro sentinas publicas nem mictorios decentes, e a iniciativa da vereação do dr. Lourenço Peixinho, é que acaba de dotar Aveiro com a efectividade duma obra magnifica e propria, como no genero melhor não ha noutra terra de provincia.

E lembrar-se a gente da cloaca que a aguerrida falange demagogica, mal baratando o dinheiro municipal, queria fazer na Rua Coimbra, sem propriedade, nem estetica e,.. demais a mais sem agua para a sua limpeza!

No Jardim Publico o vendaval e o tempo destruiram, um dia, o coreto. Pois a breve trecho, esse coreto foi substituido por outro com a precisa capacidade e as indispensaveis condições de acustica, de queuma capital de distrito não podia prescindir.

No caso da luz todo o comentario é desnecessario.

Os farrabrazes democraticos, que não os seus elementos respeitaveis e de valia, fizeram o celebre contrato do gaz, deixando a cidade ás escuras por alguns anos.

A vereação do dr. Lourenço Peixinho encontrou por resolver esse difil problema. Tratou ele logo, de fomentar a fundação duma sociedade que se propozesse tomar conta da iluminação publica, uma das grandes, senão a maior, das precisões duma localidade. Mas essa sociedade, que chegou a constituir-se, nasceu morta, mercê das imperiosas circunstancias, emergentes da grande guerra, e não levou muito tempo que a cidade estivesse prestes a ficar novamente ás escuras,

Imediatamente a vereação, que esses politiqueiros combatem, se poz em campo para nos fornecer uma luz permanente e brilhante que nas noites negras do inverno não terminasse á uma hora da madrugada, como estava sucedendo, com constantes desarranjos e interrupções deploraveis.

Uma das dificuldades maiores com que sempre se lutou foi a falta de agua.

O dr. Lourenço Peixinho soube encontrar e aproveitar uma grande porção desse indispensavel liquido para a vida e para a higiene dum povo, e aí estão na fregnuzia da Gloria e ao longo da Avenida alguns marcos fontenarios que vieram satisfazer uma das aspirações mais antigas e de urgente necessidade.

No cimo da Rua Coimbra existiu, durante muitissimos anos, o monstruoso pateo da Misericordia, a asfixiar o livre transito. Esse trambolho desapareceu, a rua alargou-se, o transito passou a fazer-se mais desafogadamente e á vista do transeunte e do visitante, furtou-se uma excressencia dum triste efeito, para em seu logar aparecer uma escadaria leve e adequada que hoje dá acesso á igreja.

O mesmo sucedeu com o terraço que afrontava os Paços do Concelho.

Muitos outros serviços, de maior ou menor apreço poderiamos enumerar mas estão eles á vista de todos que os queiram ver.

E o parque?

O parque tem sido a obra mais discutida do dr. Lourenço Peixinho.

E' esse que os zoilos consideram o ponto fraco da acção municipal.

Não admira.

As toupeiras não podem ver a luz e os criticos linguareiros, que nos Arcos estadeiam, e ali soltam as suas criticas mais acerbas, ignoram o que aquilo é e para o que aquilo serve.

Não sabem que uma cidade que é e quer ser capital do distrito, tem de pertencer á sua época e tem de ser progressiva, acompanhando os melhoramentos que se notam noutras terras de igual categoria.

Saibam os censores o que se tem feito, por exemplo, na visinha e bela Coimbra e na não menos bela Figueira da Foz. Longe estão os declamadores da Arcada de saber os fins mediatos a que a construção do parque visa, porque a nossa tão linda Aveiro precisa de ser e pode ser, num futuro mais ou menos proximo, uma cidade de turismo. E para o ser já, apenas tem faltado aos seus habitantes uma sã e boa orientação, a persistencia e o espirito de sacrificio.

Esta é que é a verdade.

Bastará a nossa formosa e incomparavel ria, a beleza das nossas marinhas e a existencia dos nossos canais venezianos para atrair e chamar á cidade um numero muito maior de forasteiros e visitantes que na quadra estival passeiam e gastam dinheiro, porque se deleitam com a visita de terras que muito menos tem que conhecer e apreciar.

A Curia, Espinho, o Luso e Bussaco, S. Pedro do Sul e tantas outras estancias aquaticas e balneares, a trasbordar de frequencia endinheirada encherá Aveiro de eoncorrencia e de lucros apreciaveis no dia em que com obras, como a do parque, com a exploração e aproveitamento do nosso estuario, um dos mais formosos da Europa, com o seu club fluvial, que ha-de necessariamente fundar-se e manter-se, com os seus barcos recreativos, saiba despertar a curiosidade e fazer a atracção dos desocupados e dos turistes.

O parque, se bem que outras coisas de realisação imediata possam existir, é uma das iniciativas de maior alcance e mais larga visão, a que a previdencia e o patriotismo do dr. Lourenço Peixinho poude meter hombros.

O presente é alguma cousa para nós, mas o futuro tem bem mais valor para os que nos sucederem.

E' egualmente digno de menção a fundação da biblioteca municipal cujas bases se acham lançadas e para a qual já a Camara adquiriu metade da explendida livraria que pertenceu ao falecido conselheiro José Ferreira da Cunha.

A outra metade legou-a ao munipio o filho daquele, que foium respeitavel cidadão, para o mesmo fim.

E' este mais um serviço, cujo alcance nem todos podem compreender. A falta duma biblioteca publica, que acostume o povo a ler e a aprender e onde os já instruidos possam consultar e adquirir mais conhecimentos, impunha-se.

Raro é hoje a cidade que não possue uma biblioteca, testemunho do adeantamento e civilisação dos povos. Não tardará, portanto, que essa lacuna esteja preenchida e que uma nova aureola apareça a coroar a vereação do dr. Loureço Peixinho.

Nas aldeias tambem a actual Camara tem feito muito.

Os moradores rurais do concelho, teem visto concertar os seus caminhos e muitas fontes se fizeram onde a agua era de absoluta necessidade.

Quando as povoações reclamam elas são atendidas na medida do possivel e jámais a vereação negou deferimento ás pretensões justas e rasoaveis que lhe apresentam. Por isso bastante a Camara tem dispendido em melhoramentos nas freguesias, porque tambem as freguesias estão de alma e coração com a obra administrativa da edilidade que ha nove anos rége os destinos do concelho, ainda que tal facto muito dôa ao caciquismo imperante no campo adverso.

Faltas? Quem as não tem?

Erros? Quem os não comete?

Quem pode furtar-se á critica seria e á discordancia bem intencionada?

Já dizia o Evangelho—**maldito aquele de quem todos disserem bem!**

E citamos o dito, nós, que não somos dos mais crentes nos textos que a Escritura regista.

Roma e Pavia não se fizeram num dia. Assim temos fé em que a obra do dr. Lourenço Peixinho ha-de ir desenvolvendo-se e completando-se porque ele se muito tem feito é capaz de muito fazer ainda em favor desta terra onde nasceu e a que dedica tanto amor.

São os factos que o atestam.

E se assim é, se disso estamos convencidos, a nossa atitude explica-se e impõe-se.

As injustiças e as ingratidões de que José Estevam foi alvo não podem repetir-se. Não hão-de repetir-se. Pelo menos com a nossa conivencia e sem o nosso protesto.

E' aquela uma pagina negra da historia de Aveiro que os tempos ainda não conseguiram trancar.

A' urna, pois, pela vereação do dr. Lourenço Peixinho!

Cidadãos que sois patricios do dr. Lourenço Peixinho: ninguem falte com o seu voto a prestar homenagem ao filho nativo e dilecto de Aveiro!

Cidadãos que vos presais de patriotas e que quereis a vossa terra á altura que merece—não deixeis de apoiar com a vossa presença na urna a honrada vereação a que preside um verdadeiro homem de bem e desinteressado aveirense!

E' aos bons que nos dirigimos. E' para os sinceros, quaisquer que seja o seu credo politico, que apelâmos.

Sejâmos todos por ele, já que ele é por todos nós!

* * *

Depois de escritas e compostas as palavras, que atraz ficam, saíu a publico um suplemento do orgão das comissões politicas do partido democratico, explicando, a seu modo, a abstenção que sensatamente aquele partido acaba de resolver.

E' um documento sem nobresa e sem a isenção que é apanagio dos sinceros. Onde diz *digo* diz que *não digo*, digo.

Ha muito que opoı a essa prosa da ultima hora, onde resaltam as mais flagrantes contradições.

Mas a resposta, já o sabemos, ha-de ser-lhe dada oportunamente e por quem de direito.